



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**CARLA SANTOS DE OLIVEIRA**

**(ÍNDIA)**

**(Depoimento)**

**2015**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-444

**Entrevistada:** Carla Santos de Oliveira (Índia)

**Nascimento:** 11/07/1985

**Local da entrevista:** CEME, via ligação telefônica

**Entrevistadora:** Pamela Siqueira Joras

**Data da entrevista:** 31/05/2015

**Transcrição:** Thayná Lima Fagundes

**Copidesque:** Pamela Siqueira Joras

**Pesquisa:** Pamela Siqueira Joras e Silvana Vilodre Goellner

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 46 minutos e 32 segundos

**Páginas Digitadas:** 13

**Observações:**

Entrevista produzida para o *Programa Futebol e Mulheres* desenvolvido pelo Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO)

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Iniciação no esporte; Inserção no futebol; Atuação em clubes; Campeonatos de futebol, Formação em Educação Física; futsal e futebol; Apoio da família; Mercado de trabalho; Atuação na Marinha do Brasil; Lesão sofrida; Participação na seleção brasileira Sub-20; Guerreiras Project; Bom Senso Futebol Clube; Estruturação do futebol feminino no Brasil;

Porto Alegre, 31 de maio de 2015. Entrevista com Carla Santini Oliveira a cargo da pesquisadora Pamela Siqueira Joras para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

P.J. – Olá Índia, gostaria de te agradecer pela entrevista e também que tu iniciasse falando um pouco sobre o teu envolvimento com o esporte e principalmente com o futebol.

C.O. – Meu nome é Carla Santini Oliveira, mais conhecida como Índia no meio do futebol e tenho trinta anos. Eu sou zagueira, preferencialmente zagueira, mas eu também jogo de volante. Vou contar a história, mais ou menos, porque como eu tenho trinta anos e mais de quinze jogando futebol, eu acho que está englobando todas as perguntas e conseqüentemente todas as respostas. A minha inserção no esporte foi na infância, foi de uma forma bem natural, não foi muito direcionada com escolinha ou alguma coisa que escolheram para mim ou escolhi para fazer um esporte específico. Eu moro, parece com um sítio, e a família do meu pai também toda mora no mesmo lugar; tenho muitos primos da mesma idade, desde pequenos a gente brinca todo mundo junto, meninos e meninas, de boneca brincava com as meninas, tinham algumas atividades que era em comum com todo mundo que eram os piques em si, vôlei também, bolinha de gude e pipas elas também soltavam, só o futebol que eu fazia somente com eles, só eu de menina no meio deles. No começo, sete, oito anos, eram todas as atividades que eu fazia e eu gostava de todas, depois eu fui vendo que eu gostava muito de futebol e até levava jeito para jogar futebol, mas não fui para escolinha, não fui para nada, só quando eu fiz treze anos que meu primo falou assim para mim: “Acho que você poderia procurar um clube só para meninas e tal, até se você quiser ser jogadora de futebol”. Eu achei legal a ideia porque eu pensei assim: “Poxa, é uma coisa que eu gosto de fazer, gosto de fazer todo dia, quando eu estiver mais velha, que eu tiver que me sustentar, que eu tiver que trabalhar, se isso virar meu trabalho vou poder continuar fazendo isso todo dia”. Então achei uma boa ideia. Com treze anos eu fui fazer teste no Flamengo<sup>1</sup> mas até esse tempo e depois também tem uma pessoa que eu tenha me espelhado, uma jogadora principalmente, não tinha jogador de campo homem que eu me espelhava e também não tinha nenhuma jogadora porque não passava futebol feminino não passava na TV. Até aquele momento

---

<sup>1</sup> Clube de Regatas Flamengo

futebol feminino era meu esporte preferido porque eu tinha experimentado alguns e tinha gostado mais daquele, mas não que eu tivesse visto muito na TV, não passava na TV. Nem que eu visse em jornal na época também, não tinha computador, internet com a facilidade que tem hoje, ainda mais quinze anos atrás, para mim era a minha brincadeira preferida e que eu comecei a imaginar a fazer aquilo para sempre todo dia. Para sempre, óbvio [RISO], enquanto o corpo aguentar, e aí eu fui fazer teste no Flamengo no Sub-17, com treze anos eu passei, foi lá que eu comecei a ter um pouco mais de contato com o futebol feminino e qual a dificuldade do futebol feminino em si? Porque até então nem na escola, nem em casa eu sofria preconceito, era tudo muito natural, na escola algumas meninas também jogavam comigo e lá que eu comecei a ver que as meninas do adulto falavam de dificuldade financeira. No caminho para o treino, indo ou voltando algumas por ter uma aparência um pouco mais bruta, um jeito considerado mais masculinizado eram xingadas na rua, chamadas de mulher macho, de sapatão, e aí que eu comecei a conviver um pouco mais com essa dificuldade. Logo acabou o Sub-17 e depois acabou o time todo do Flamengo eu me vi diante de uma realidade assim: é Flamengo e mesmo assim acabou, então, não é fácil! Eu acho que mesmo que eu tenha talento para jogar futebol, mesmo que eu saiba muito bem o que eu quero, talvez possa ser um pouco difícil viver disso, e voltei para a minha realidade de futebol na escola e futebol em casa e com meus primos, com os amigos. Quando eu fiz quinze anos eu fui jogar uma competição que é entre comunidades, eu joguei pelo meu bairro e tinha gente que jogava essa competição, mas também jogava num time e me chamaram para ir para esse time que é o Campo Grande do Rio<sup>2</sup>, e foi aí que eu entrei como *profissional*, porque a gente disputava as competições do adulto mesmo com quinze anos, não tinha muito essa divisão de Sub-15, Sub-18, aí disputava o estadual. Não disputava brasileiro porque naquela época não tinha competição organizada pela CBF<sup>3</sup>, não me recordo se já tinha Copa do Brasil, mas se tinha quem disputava era o Caxias<sup>4</sup>, que era um time que era bancado pela Petrobrás. Na época que eu jogava no Campo Grande, então, era o primeiro colocado do Rio de Janeiro normalmente, e esse time, o Campo Grande, foi o meu primeiro time de verdade porque no Flamengo foi tudo muito rápido, eu passei no teste, comecei a treinar, mas logo depois acabou e ali que eu disputei competição, foi quando

---

<sup>2</sup> Campo Grande Atlético Clube.

<sup>3</sup> Confederação Brasileira de Futebol

<sup>4</sup> Clube de Empregados da Petrobras - Duque de Caxias (CEPE Caxias).

eu vi que mesmo sendo cobrada, mesmo tendo que render, mesmo tendo que levar a sério eu gostaria de fazer aquilo ali para a minha vida. Foi o clube mais importante que também me ensinou muita coisa, era um clube que por ter muitas meninas novinhas... Porque quando eu ficava mais velha eu tinha que sair para trabalhar ou não podia continuar porque ia para outro estado, no Rio de Janeiro ainda era pior do que em São Paulo... Em São Paulo ainda tinha mais oportunidade ou então ia para o CEPE-Caxias, as melhores jogadoras iam para outros times do Rio que tinham uma condição um pouco melhor. Nesse time não, a gente teve que aprender a se unir muito porque a gente juntava material reciclável para poder pagar nosso transporte. Era um time também, porque recebia muitas meninas novinhas, fazia muita questão de trabalhar fundamento, de trabalhar técnica, de trabalhar também a questão da disciplina, não falar palavrão, da questão da educação, de estudar. Ficavam no nosso pé lá para gente estudar, no meu pé não porque eu sempre gostei muito de estudar, mas quem não gostava ficavam no pé, bastante no pé, e foi um time que me impulsionou para uma grande realização de um sonho que foi estar na seleção Sub-20 e eu já estava com dezoito para dezenove anos. Eu fui para o Sub-20, disputei um Campeonato Sul-Americano, fui convocada até a última convocação antes do mundial. Foi o primeiro clube que pegou essa minha transição de futebol de brincadeira para o futebol de verdade, de adolescente para adulto, de ter que fazer algumas escolhas. Foi aí que, por exemplo, eu abandonei o processo seletivo da faculdade pública, do vestibular da pública que eu tinha passado na primeira fase com uma nota considerada até boa para quem ia buscar uma vaga por cotas, mas eu acabei não comparecendo na segunda fase porque eu estava na seleção, então, eu comecei a ter que escolher alguns caminhos. Quando eu voltei da seleção, também, foi um time que tinha uma pessoa que eu admiro muito e que me admira também, a supervisora de lá, que arrumou a faculdade para mim e foi uma faculdade particular, foi outro momento que eu tive que sentar, conversar com meus pais: “Tem como me apoiar?”. Não só o incentivo, mas o apoio financeiro e foi um momento difícil porque meu pai é porteiro, minha mãe é empregada doméstica e eu contei com a ajuda dos meus familiares porque eu queria continuar jogando e queria estudar e a bolsa que ela conseguiu para mim, a supervisora conseguiu para mim na faculdade, era 50% para eu jogar futsal na faculdade, só que assim o primeiro ano da faculdade foi bem maçante, difícil porque eu tinha que treinar o futsal na faculdade, eu estava treinando campo, o treino de campo era muito longe. Eu

tinha que ir para a faculdade cedo, estudar, e eu estava gastando com passagem, eu gastava com a faculdade, me incomodava eu não participar de uma forma ativa nesses gastos, de colaborar. Foi aí que eu tomei a decisão de abreviar a minha carreira no campo e ir só para o futsal, por que? Porque eu queria melhorar minha bolsa na faculdade e eu queria colaborar em casa, de repente usar o tempo da tarde para fazer estágio. Eu comecei a estagiar em uma escolinha de futebol e de futsal, e o esporte universitário ficou mais ativo na minha vida. O primeiro ano basicamente eu só treinava, quase não ia para jogo e eu comecei a levar o futsal mais a sério, me dedicar mais e o futsal era o único lugar que eu jogava, a minha energia estava toda dedicada ali, minha energia esportiva estava toda colocada ali. Eu cheguei a melhorar minha bolsa, depois virei monitora de futsal na faculdade, eu ganhei junto com a minha equipe, capitã da equipe um título de Jogos Universitários no meu último ano de faculdade já para sair, até a divisão de acesso. O nome é divisão de elite, mas foi uma conquista muito importante para mim também, uma das mais importantes do futsal. Eu também estava no clube de futsal Mackenzie<sup>5</sup> do Rio de Janeiro que disputava o campeonato carioca. Fui campeã carioca, campeã da Taça Rio-São Paulo, campeã de regional entre Rio, São Paulo e Minas pelo Mackenzie. Eu ainda estava tendo satisfação no esporte e isso não deixou com que eu me frustrasse; lógico que eu sentia falta do campo, mas o fato de eu estar estudando também, conhecendo gente nova, adquirindo conhecimento... Gostava bastante de estudar, acabou a faculdade eu já não tinha mais futebol de campo, eu já não tinha mais o esporte universitário, se eu conseguisse arrumar um emprego que eu conseguisse me manter no time de futsal à noite estava ótimo, mas eu fiquei com um pouco de medo, um pouco de receio: “Agora vamos para o mercado de trabalho, vamos enfrentar, não dá mais para ficar dependendo de pai e mãe, futebol acabou mesmo”. E aí, graças a Deus, apareceu uma oportunidade, um processo seletivo da Marinha do Brasil para atletas militares e eu já estava com vinte e quatro anos, já era 2009 a gente ia ter no Brasil, em 2011, as Olimpíadas Militares. Eu fiz o processo seletivo, passei, entrei na Marinha, voltei para a minha vida de atleta de futebol de campo porque na Marinha nossa função era essa: ser atleta de futebol de campo. Eu me senti profissional de verdade porque aí eu comecei a ter salário por aquilo que eu fazia que era jogar futebol, meu salário não era

---

<sup>5</sup> Universidade Presbiteriana Mackenzie.

por eu ser militar, não era por eu cumprir tarefas dentro do quartel, meu salário era porque eu era atleta, embora atleta militar jogasse pela Marinha eu estava recebendo meu salário porque eu jogava futebol, foi a primeira vez que eu me senti valorizada pela minha profissão que eu escolhi. A minha profissão, a minha primeira opção que foi ser professora de Educação Física, eu era atleta de futebol e eu queria na verdade ser atleta de futebol mais do que professora de Educação Física. Eu fiquei muito feliz e fiquei quatro anos na Marinha, também conquistei alguns títulos importantes para a Marinha e para as Forças Armadas. A gente disputou quatro competições nesses quatro anos, foram três Mundiais Militares de Futebol Feminino e a Olimpíada Militar, e a gente foi campeã na Olimpíada Militar e em dois Mundiais. Foi uma passagem bem positiva, no outro Mundial a gente foi terceiro colocado e, em 2013, eu saí da Marinha e fui procurar clube, eu falei: “Agora não tem mais o meio militar, agora vai ter que ser salário de clube, mas também não dá para voltar para a vida que eu tinha antes só com estágio, até porque eu sou professora agora, vou ter que trabalhar então se não arranjar clube”. E, graças a Deus, arrumei. Fui para o Paraná, para o Foz Cataratas<sup>6</sup>, cheguei lá disputei uma Copa do Brasil só que, infelizmente, como eu estava me preparando para o Campeonato Brasileiro e para a Copa Libertadores de 2013 eu lesionei o joelho, inclusive, é uma lesão que me atrapalha até hoje porque a lesão foi em agosto de 2013 e, em 2014, eu tive que operar de novo porque não deu certo a primeira cirurgia e agora que eu estou conseguindo voltar a jogar futebol, inclusive, agora eu estou desempregada procurando clube para jogar o Brasileiro, mas voltando ao Foz Cataratas. Quando cheguei eu me peguei pensando no meu quarto, a questão é: “Eu não sou mais militar, mas eu me acostumei com o salário e sou professora formada de Educação Física, então, eu amo futebol, mas eu não posso diminuir mais o meu padrão de vida”. Eu não ganhava nada, eu passei a ganhar salário de marinheiro na Marinha, por menos que isso eu também não posso aceitar mais jogar porque eu vou estar caindo o meu padrão financeiro que já não é muito alto. Mil e quinhentos reais, para mim, não é alto, ainda mais para atleta, com todos os gastos que um atleta tem porque a gente do feminino não tem patrocínio; a gente tem que comprar chuteira, a gente tem que comprar caneleira, a gente muitas vezes tem que comprar suplemento, eu acho que é pouco para um atleta, mas era isso que a gente recebia. Eu falei: “Se eu vou para o Foz e pra ganhar isso”. E fui ganhando isso, que bom, mas me

---

<sup>6</sup> Foz Cataratas Futebol Clube

machuquei, fiquei lá até o final de 2014 tratando quando optei para vim para o Rio de Janeiro tentar um novo tratamento para ver se dava certo porque não estava dando muito certo do jeito que estava lá. E deu certo e agora eu estou disposta a continuar minha carreira e a me recolocar no mercado de trabalho pelo menos até o final do ano... Tentar, vamos ver, se não der certo vamos para a Educação Física. Essa foi, mais ou menos, a minha carreira esportiva, mas dentro da minha carreira esportiva aconteceram algumas coisas que fogem de dentro do campo, da vida das quatro linhas, uma delas foi o Guerreiras Project<sup>7</sup> que foi uma das melhores coisas que me aconteceu porque eu já conhecia a Caitlin<sup>8</sup>, já sabia dessa coisa dela ser um pouco revolucionária, de ter ótimas ideias, de ser muito animada, mas a gente tinha perdido contato porque, na verdade, a gente só se conheceu a gente não jogou junto; foi através de uma amiga minha que a gente teve um pouco de contato aqui no Rio de Janeiro, cada uma foi para o seu canto e eu acho que quase uns oito anos depois eu encontro de novo a Caitlin aqui no Rio de Janeiro, no aniversário dessa mesma pessoa que já tinha nos apresentado há anos atrás, e conversando ela comentou do projeto e eu fiquei super animada porque, mesmo sem conhecer o Guerreiras Project, eu me senti como se eu já fizesse parte porque nossa bandeira é a mesma, nossa filosofia é a mesma, é essa justiça de gênero, essa questão que me incomoda muito de não é só a menina que não pode jogar futebol, o menino não pode usar rosa, o menino não pode chorar, menino não pode fazer ballet, então, é bem isso mesmo justiça de gênero porque eu sempre acreditei que o preconceito que o futebol feminino sofre é do mesmo cara que bate em mulher, é do mesmo cara que acha que mulher tem que fazer serviço doméstico, das mesmas mulheres também, não só caras porque temos muitas mulheres machistas e eu sempre fiquei um pouco revoltada, desapontada com tudo isso. Acabei vendo que o pensamento do Guerreiras era mais ou menos o mesmo que o meu, foi só um encontro de ideias, eu encontrei a Caitlin e ela me encontrou, só que já estava no meio do processo de formação de Embaixadoras<sup>9</sup>, ela falou: “Vamos conhecer o pessoal? Vê se você consegue pegar o ritmo porque a gente já está no meio do processo”. Falei: “Vamos embora, vou lá e vou conhecer”. E aí fui, conheci, casou muito bem ideias, eu me apaixonei mais ainda pelo projeto conhecendo

---

<sup>7</sup> Projeto que usa o futebol como ferramenta para revelar, analisar e combater preconceitos de gênero.

<sup>8</sup> Caitlin Davis Fisher

mais de perto, vendo ali as meninas trabalhando e expondo melhor o que era o Guerreira para mim, e eu comecei a trabalhar com o Guerreiras como embaixadora aqui no Rio, acho que foi um pouco antes de eu ir para Foz. Quando eu fui para Foz eu me distanciei um pouco do trabalho de campo, da oficina em si, mas do ideal não, até porque, como eu falei, eu já era guerreira antes mesmo de participar do projeto, já era meio que embaixadora do Guerreiras pelas minhas ideias, então, qualquer papo que eu paro de esquina a minha ideologia é essa, a minha filosofia é essa, então, eu defendo a filosofia, a bandeira do Guerreiras mesmo quando eu não estou na oficina. Mas é gratificante demais porque eu estava acostumada com aquela cobrança de atleta e quando você sai para um jogo você tem resultados possíveis que são eles: ganhar, perder e empatar, e toda a vez que você sai para trabalhar, que o futebol é o meu trabalho, eu poderia voltar para casa feliz como eu poderia voltar triste, chateada, chorando, porque tem derrotas que doem demais e a gente chora. E com o Guerreiras é muito impressionante porque independente do local que você vá, independente de ser boa ou não a recepção, porque acontece de, às vezes, a recepção não ser muito calorosa... Você está sempre ganhando, é vencer, vencer, vencer, é ganhar, ganhar, ganhar, é sempre um aprendizado, é sempre uma coisa nova, é sempre alguma coisa que te acrescenta e você volta para casa sempre feliz porque você sempre ganhou alguma coisa, então, é gratificante demais. Às vezes, você chega num lugar que óbvio, o assunto que você está falando é gênero, você está usando o futebol feminino como ferramenta, você espera que todo mundo saia dali com aquela sementinha plantada da dúvida, do questionamento: “Por que não posso?”; “Por que não é certo mulher fazer isso?”; “Por que não é certo homem fazer isso?”. É certo qualquer um fazer qualquer coisa desde que não afete o outro, se é um desejo seu que não vá prejudicar ninguém... Tranquilo, e às vezes, até essa sementinha você nem sabe se conseguiu plantar e você receber uma resposta tão positiva, como por exemplo, uma criança te abraça, te escreve num papel: “Obrigada por me dar atenção”. Você fala: “Cara, se eu conseguir fazer essa criança entender o que que é gênero e os direitos dela eu não sei, mas eu pelo menos sei que ela se sentiu gente, que ela se sentiu parte desse mundo que muitas vezes eles são considerados marginais desse mundo”. Eles entram para a estatística quando viram drogados, quando vão presos, quando são mortos e ali ela estava me agradecendo

---

<sup>9</sup> Termo usado para denominar as atletas e ex-atletas que fazem capacitação para atuar no Guerreiras Project.

uma atenção: “Alguém nesse mundo sabe que eu existo”, porque tem um toque, às vezes, tem o olho no olho, a gente vai e elas querem abraçar a gente, elas querem autógrafo na pele delas, na camisa da escola. Às vezes eu fico preocupada: “Nossa, a mãe dessa criança vai querer até me matar [RISO] até porque eu escrevi na camisa da criança”. Mas é uma coisa que faz você se sentir tão bem, tão especial que eu não tinha muita consciência do poder. Eu gostava de falar, de levantar a ideologia do Guerreiras, antes mesmo, mas eu não sabia o poder que a gente tem sobre a vida de outra pessoa, principalmente um poder psicológico, motivacional, e é muito gratificante isso. É muito interessante, depois disso com o meu momento de machucada, de estar fora do campo sempre, eu descobri com o futebol feminino e mesmo de fora do campo eu podia continuar modificando muita coisa ao meu redor. Eu, quando falo do Guerreiras, se deixar eu vou ficar aqui falando uma hora sobre isso porque eu sou completamente apaixonada pelo meu trabalho no Guerreiras e completamente grata por um dia a Aline Pellegrino e Caitlin terem tido essa ideia de formar esse projeto que me enche de orgulho de participar. A outra possibilidade foi ter uma participação mais ativa como atleta, uma participação talvez até mais política como atleta porque foi no Bom Senso<sup>10</sup>, na verdade, algumas meninas que jogam tinham contato com Paulo André<sup>11</sup> e já tinham deixado claro para ele que o Bom Senso briga pelo futebol e já que é o futebol como um todo o feminino deveria estar incluído nisso aí, porque se eles se consideram muito prejudicados pelo o que os clubes fazem, pelo o que a CBF faz. Imagina nós do futebol feminino? Nós somos marginais de tudo que se diz em questão a direito no futebol porque somos consideradas amadoras, porque o futebol é considerado profissional. Só que assim, é futebol também, quando você fala de vôlei, é vôlei, se tem lá Saquarema<sup>12</sup> é para o vôlei, é o vôlei feminino e o vôlei masculino, e aí o futebol feminino não tem basicamente direito a nada. Eles começaram a tentar entender um pouco das nossas necessidades e tentar ver como isso se encaixaria, por exemplo, na principal, digamos, ferramenta que eles têm hoje que é essa Medida Provisória do Governo Federal de negociar com os clubes as dívidas que os clubes têm com o governo e, em contrapartida, fazer algumas exigências para esses clubes. Eles conseguiram incluir o futebol feminino dentro dessas exigências. Já passou pelo Congresso, já passou pelo Senado, por deputados, mas tiveram

---

<sup>10</sup> Bom Senso Futebol Clube.

<sup>11</sup> Paulo André Cren Benini.

<sup>12</sup> Município do Rio de Janeiro.

algumas modificações, a gente não sabe ainda se vai ser assinado pela Dilma<sup>13</sup>, se vai mesmo virar lei e, mesmo que vire, a gente não sabe como que os clubes vão reagir diante disso tudo, o que eles consideram investimento no feminino. Mas já é um passo, a gente já conseguiu pelo menos se organizar um pouco melhor enquanto modalidade porque a gente reuniu algumas jogadoras que eram capitãs dos times femininos, conversou um pouco, pediu para elas conversarem com as meninas da necessidade da gente ter uma postura um pouco mais ativa diante daquilo que a gente quer. Porque não dá para a gente só criticar, criticar, criticar e fazer o papel de coitada. Beleza, a CBF não apoia, os clubes não apoiam, a sociedade não aceita muito bem, mas e eu? Qual é a minha posição e a minha postura diante de tudo isso? Primeiro, se eu quero ser tratada como atleta então eu vou ter uma postura de atleta da melhor forma que eu posso ter para eu começar a cobrar, e vamos nos unir, vamos ser uma classe. Eu sei que cada uma tem individualmente suas necessidades, algumas jogadoras têm família que dá para ter um certo respaldo, outras pelo contrário, a família depende delas. Individualmente cada uma tem sua necessidade mas, a partir do momento que a gente conseguir ganhar como um coletivo, ter benefícios para o coletivo inteiro, para a modalidade inteira, todas individualmente vão se beneficiar disso. Por exemplo, hoje nós temos muitas situações de alguns clubes que fazem aberrações com as jogadoras, tipo: contrata hoje, diz que é até o final do ano, daqui a quinze dias não quer mais, manda embora. Se ninguém fosse jogar para esse cara ele teria que mudar de postura, mas sempre tem alguém que vai: “Beleza, precisa do dinheiro, mas a gente tem que exigir um pouco mais os nossos direitos”. O Bom Senso ajuda a gente também a pensar numa forma da gente ser melhor tratada como profissional, ter um pouco mais de respaldo em relação à lesão, em relação ao próprio emprego... Essa questão de estar empregada hoje, não estar desempregada, só que a gente tem que estudar também de uma forma que não prejudique os clubes que estão aí até hoje à duras penas com o futebol feminino que, na grande maioria, não são clubes de camisa. São clubes que dependem de alguma iniciativa privada que são poucas ou, então, de prefeitura ou de um patrocínio ou outro que consegue a Lei de Incentivo ao Esporte, alguma coisa assim. Então a gente não pode prejudicar esses clubes! Uma profissionalização que exige carteira assinada, 13º salário, férias... Todos os impostos hoje sairiam muito alto para os clubes, talvez quebraria a maioria dos clubes que tem

---

<sup>13</sup> Presidenta Dilma Vana Rousseff.

futebol feminino. Nosso grande desafio hoje é primeiro tentar ver uma forma que proteja os clubes e proteja as jogadoras, que dê o direito às jogadoras e o direito ao clube também, muitas jogadoras, às vezes, deixam o clube na mão. Esse é um grande desafio nosso que a gente está tentando chegar a um denominador comum e está difícil porque é complicada essa questão trabalhista, inclusive para nós atletas, a gente não sabe muito bem o que é legal, o que não é. Mas é um grande desafio que a gente tem, é um grande desafio que eu gostaria muito de ver solucionado, a gente sabe que falta muito, mas eu e muitas jogadoras estamos muito envolvidas com essa situação, ciente dessa necessidade de a gente ser um pouco mais valorizada enquanto trabalhadora, enquanto diretos trabalhistas também sem exigir ou quebrar os times que estão aí e que estão mantendo a nossa modalidade até hoje. Falar sobre um pouquinho do momento do futebol feminino... Então, o futebol feminino ele já teve bons momentos, as medalhas de prata foram bons momentos e na questão do rendimento e até ajudou um pouco na questão da popularidade, caímos de rendimento muito, hoje não conseguimos mais ter aquelas colocações dos campeonatos mundiais e na Olimpíada que tivemos entre 2004 e 2008. Isso se dá pelo fato de os outros países continuarem evoluindo e a gente, de vez em quando, dá uma parada. Agora a gente voltou a dar uma evoluidazinha de uma forma que eu não considero muito ideal, não considero a Seleção Permanente ideal para o futebol feminino, foi uma situação providencial para aquela competição, a Copa do Mundo<sup>14</sup> e a Olimpíada<sup>15</sup> que está agora, mas não resolve o problema da modalidade, muito pelo contrário, dificulta algumas coisas. Por exemplo, muitos clubes perderam suas jogadoras de referência para a Permanente e o que era atrativo para as cidades pequenas, por exemplo, não é tão atrativo assim, ir lá e não ver a jogadora que é de seleção, entendeu? Então fica complicado para os clubes, enfraquece um pouco, enfraquece também o campeonato em si porque começa a perder as boas jogadoras, as melhores jogadoras para a Seleção e algumas estão saindo do país, graças a Deus. Agora o mercado internacional está aberto para muitas jogadoras brasileiras, que bom, mostra que nós temos valores aqui dentro do país, mas isso acaba mexendo também com a estrutura da modalidade de dentro do país, porque aí vai se enfraquecendo os times e não é atrativa e a gente fica naquele ciclo: não tem investimento porque não é atrativo ou não é atrativo porque não tem investimento? Precisa ter estrutura para ser atrativo, então, é um pouco complicado,

---

<sup>14</sup> Referência a Copa do Mundo de Futebol Feminino realizada no Canadá em 2015.

enquanto a gente vê a CBF fazendo peneiras em alguns estados, mas peneiras avulsas e você leva uma ou outra jogadora para a seleção, chega lá não rende. Óbvio que não rende porque ela nunca foi preparada para aquilo, acaba sendo dispensada e volta lá para Manaus, volta lá para o Amapá, volta lá para o Mato Grosso com uma passagem só por uma seleção Sub-17 ou Sub-20 que não desenvolveu nada, tem potencial? Tem, mas chegou lá, São Paulo hoje e sul do Brasil ainda tem algumas categorias de base, então, essas meninas estão um pouco mais preparadas, vão acabar mordendo as vaguinhas de Sub-17, Sub-20 e as outras meninas que até têm potencial, cadê a CBF investindo em base? Investindo em estrutura para que os clubes possam ter interesse pela base e essas meninas comecem mais cedo? Sabemos que também tem toda uma questão social de ainda não ser muito aceito meninas jogando. A gente vê que nos Estados Unidos as meninas com cinco, seis anos estão jogando, no Brasil não estão. Precisamos também do esporte educacional e isso é um problema não só para o futebol feminino que tem o preconceito, mas para o esporte em si, o nosso esporte educacional é muito falho, é muito difícil, o esporte na escola é muito complicado, cada dia é mais complicado, que cada dia a mais se perde espaço... O professor de Educação Física, dentro da escola, espaço para a Educação Física, espaço para esporte, eu sei disso, mas a CBF tem sim um papel fundamental. As federações têm sim um papel fundamental no incentivo da formação de atletas de base para que a gente possa futuramente estar andando, mais ou menos, na mesma velocidade que os outros países, porque hoje nós não estamos evoluindo na mesma velocidade que os melhores países de futebol feminino e eles já saíram na nossa frente, então, imagine só a velocidade é mais rápida que a nossa e eles já saíram na nossa frente eles vão chegar sempre muito mais rápido que nós em qualquer lugar e isso significa medalhas para eles e não tem medalhas para a gente nas maiores competições que são Olimpíadas e Copa do Mundo. Salva-se o nosso talento que é muito grande, fala muito mais alto do que qualquer ciência, do que qualquer preparação física, do que qualquer preparação esportiva desses outros países. Hoje a gente não está no patamar dos três melhores do mundo para conseguir nem prata, nem ouro, nem bronze embora eu torça muito para que isso aconteça e também sei que se acontecer não vai ser solução para nada. Não é solução para o Brasil ganhar medalha, não vai ser porque ouro não é tão longe de prata, a gente já teve prata e não mudou muita coisa, popularizou ali um

---

<sup>15</sup> Referência aos Jogos Olímpicos de 2016, realizados no Rio de Janeiro.

pouquinho no momento como popularizou muito o Guga<sup>16</sup> quando estourou, quando popularizou muito a Daniele Hypolito quando estourou, Daiane dos Santos<sup>17</sup>... Mas também não se vê hoje uma grande onda de tênis e de ginástica no país, então, é trabalhar a base, é parar de fazer maquiagem no que está ruim porque, por enquanto, a gente tem maquiado muito... É preciso trabalhar sério para que melhore e também as atletas buscarem essa melhora, buscarem cobrar um pouco mais. Eu sei que já falei: cada uma tem sua necessidade para estar no futebol feminino, às vezes, a gente é obrigada a aturar algumas situações que não são adequadas, que não são ideais, a gente tem que se impor um pouquinho também como atleta e tem o ônus e o bônus de atleta. Se dedicar como atleta mesmo, ter o pensamento de atleta, inclusive nosso caso, o pensamento coletivo de atleta porque nós somos atletas de um esporte coletivo. Pensar um pouco mais no todo também, é isso, eu acho que a gente melhorou, a gente tem muito para onde melhorar, é difícil a carreira de futebol porque até quando você dá certo não significa que você vai ter uma vida tranquila porque primeiro, se sustentar durante a carreira é complicado. Você fica sem clube constantemente, até quem está em clube também, o clube todo ano precisa passar por uma dificuldade, nunca sabe se ano que vem vai continuar, por isso que eu acho tão necessário que se estude, que se busque instrução para quando a carreira acabar ter no que trabalhar. Óbvio que eu acho que socialmente muitos preconceitos diminuíram e isso também acarreta com que diminua com o futebol feminino essa questão de preconceito que futebol é para homem, mas ainda existe e isso acaba dificultando a nossa vida, sem muito reconhecimento popular a gente fica um pouco sem mídia. Porque mídia vive disso, de audiência e audiência é o reconhecimento popular. A gente sabe que também tem essa questão social incluída, mas melhorou e eu acredito que vá melhorar. Eu já tenho trinta anos, para a minha geração eu acho que não tem tanto tempo para mudar; para gerações que tem abaixo de vinte e cinco acho que a gente consegue uma evolução boa, mas tem que todo mundo trabalhar, clube, confederação, federação e atleta, remar numa mesma direção, a direção da evolução. Deixar um pouco o egocentrismo de lado e remar para uma evolução do futebol feminino, da modalidade como um todo, não só seleção. Eu acho que a gente abordou todos os temas e eu já falei bastante [RISOS] Se eu esquecer de falar alguma coisa, algum ponto que ficou faltando a gente vai conversando.

---

<sup>16</sup> Gustavo Kuerten.

P.J. – Conversamos sim mais uma vez eu te agradeço. Tem mais alguma coisa que tu gostaria de comentar?

C.O. - Obrigada por vocês estarem interessadas na minha experiência, principalmente na experiência do Guerreiras. É um projeto fantástico e eu lamento também que projetos sociais no Brasil não tenham tanta verba e seja tão difícil conseguir incentivo para gente continuar nosso trabalho, porque sei que se a gente tivesse um pouco mais de incentivo financeiro a gente poderia fazer muito mais do que a gente vem fazendo. Mas sem ter o lado financeiro nos apoiando fica um trabalho um pouco difícil, um pouco de formiguinha, mas mesmo assim, cada vida que a gente consegue mudar ou cada pensamento que a gente consegue alterar é uma vitória e o Guerreiras trabalha muito assim valorizando cada pensamento que consegue mudar e cada debate que consegue promover, então, obrigada mesmo, um beijão para vocês.

[FINAL DA ENTREVISTA]

---

<sup>17</sup> Daiane Garcia dos Santos.